

A Ironia na Literatura Canadense: Uma Estratégia Retórica e Estrutural Exibindo Dissonâncias e Diferenças

Klondy Lúcia de Oliveira Agra¹

Resumo: Neste artigo, observo, com base na literatura canadense, os sentidos dados à ironia utilizada como estratégia retórica e estrutural. A partir da pesquisa bibliográfica, procuro por esclarecimentos sobre a característica da ironia canadense, sua forma e seu foco específico com apoio das teorias crítica, pós-moderna e pós-colonial.

Palavras-chave: Ironia. Literatura. Canadense. Cultura. Sentido.

1 INTRODUÇÃO

A ironia é comumente utilizada como um instrumento que consiste em dizer o contrário daquilo que se pensa, deixando entender uma distância intencional entre aquilo que dizemos e aquilo que realmente pensamos. Por esse caráter dúbio, a ironia é vista como a arte de satirizar com alguém ou com alguma coisa, com vista a obter uma reação do leitor, ouvinte ou interlocutor.

É, pois, uma estratégia retórica e estrutural que pode ser utilizada, entre outras formas, com o objetivo de denunciar, de criticar ou de censurar algo. Para tal, o locutor descreve a realidade com termos aparentemente valorizantes, mas com a finalidade de desvalorizar.

Essa estratégia convida o leitor, ou o ouvinte, a ser ativo durante a leitura, para refletir sobre o tema e escolher uma determinada posição. Não é um termo novo. Desde Quintiliano e Cícero já ouvíamos sobre ironia. A ironia é vista como a estrutura comunicativa que se relaciona com a sagacidade e tem lugar privilegiado ao longo das pesquisas e entre os estudos críticos.

Na arte dramática, por exemplo, a ironia é observada como um descompasso entre a situação desenvolvida pelo drama e as palavras ou os atos que a acompanham. A plateia se permite à percepção dessa situação; já aos personagens essa mesma percepção não é permitida. Nesse descompasso encontram-se, pois, as palavras nas representações que formam sua própria realidade ou a verdade da ficção.

Dentre as estratégias textuais, encontram-se a ironia e o humor, percebidos por uma plateia menos ingênua, de leitores/espectadores desconfiados, para quem os jogos de sedução, de poder e de *nonsense* estão sempre pedindo decifração.

A ironia, portanto, em variadas obras literárias, envolve a diferença ou contraste entre aparência e realidade. Sendo a discrepância entre o que parece ser verdade e o que realmente é verdade.

Como a longa história do desenvolvimento da sátira e da ironia mostra, a ironia tem sido utilizada como uma maneira de se criticar. No entanto, discussões e estudos mais recentes sobre o tema, considerando especificidades culturais, ao invés da

¹Mestre em Linguística pela UNIR, Pesquisadora do NEC e do GELLSO – UNIR. Professora da Faculdade Interamericana de Porto Velho – UNIRON. E-mail: klondy2@gmail.com

universalidade humanista, apontam a ironia como forma de denotar dissonâncias, discórdias, desrespeitos e diferenças.

De acordo com Linda Hutcheon (1992, p, 12), uma das mudanças mais importantes na literatura está no uso da ironia. Sua utilização, que antes passava a ideia de absurdo, fundamentalmente pessimista e vista como destacada de existência, hoje dá uma noção positiva de expressão artística com o poder renovado, como uma força crítica comprometida, quer dizer, como uma estratégia retórica estrutural de resistência e oposição.

Neste artigo, a partir da pesquisa bibliográfica, procuro examinar o uso da ironia canadense, sua forma e seu foco específico. A fim de obter resultados, observo teorias que esclareçam pontos de interesse sobre a cultura canadense e sentidos culturais.

2 A IRONIA NA CULTURA CANADENSE

No contexto deste estudo, entendo a cultura como um encontro de conhecimentos, de hábitos e de línguas, encontro esse que sempre acontece dentro de um contexto de luta. Entendo, também, que certos interesses estão inevitavelmente servidos por definições culturais particulares ou por interpretações de definições particulares.

A cultura canadense, segundo Frye (1971), tem em si a mentalidade de guarnição ou defesa. Essa “mentalidade de guarnição” tem dupla significação, por um lado, é compreendida como uma consequência natural do ambiente severo enfrentado pelos primeiros colonos canadenses; por outro, é um modo de racionalizar atos da agressão imperial cometidos pelos poderes europeus.

Certos tipos de definições culturais também reforçam suposições epistemológicas particulares e, embora sejam simplesmente redutivas para identificar sistemas epistemológicos em classes ou interesses de gênero, percebe-se que em tais sistemas tais definições estão sempre implicadas.

Neste artigo, observo a ironia canadense pelos seguintes ângulos: o padrão histórico da “ironia” na cultura canadense e a compreensão desse padrão em termos de confrontos a partir das definições de cultura. Noto, portanto, que a “ironia” tem um lugar na “ideologia dominante” da cultura canadense, mas que se torna um tema mais intenso quando um escritor afirma isso a partir da resistência ou da redefinição da ideologia.

A partir dessa observação, passo a crer que escritores canadenses utilizam a ironia relacionada a uma série de autodefinições e posicionamentos próprios: isto é, posições do cidadão canadense em resposta aos seus antepassados políticos, franceses e ingleses, e ao próprio presente (em termos da cultura Americana); posições tomadas que levam em conta a relação das margens com o centro e com as minorias (gênero, etnia; nativos; homossexuais, etc.).

À luz dos questionamentos pós-modernos, observo também que não há nessa utilização da ironia nenhuma demonstração de identidade coerente, estável e autônoma (ou individual ou nacional), essas posições mostram um caráter provisório e

incerto - não porque autores canadenses sejam ou queiram demonstrar fraqueza, mas porque estão, de modo ideológico, opostos ao domínio e, talvez, à presunção de culturas dominantes e dominadas.

Segundo Linda Hutcheon (1992, p. 29), E. D. Blodgett definiu a língua falada pelos canadenses como “um idioma misturado e ambíguo por lei, sempre oferecendo rotas de fugas possíveis... sem nunca sair de casa”. De acordo com Hutcheon, Blodgett, complementa: “A língua Canadense é também, “por lei” ou por preferência, frequentemente irônica. Obsessiva em articular sua identidade. A voz do Canadá é frequentemente uma duplicação da língua bifurcada pela ironia”.² (BLODGETT *apud* HUTCHEON, 1992) [Minha tradução].

Hutcheon explica que, embora normalmente vista como uma arma retórica de defensiva ou de ofensiva, a ironia (no sentido semântico básico de declarar uma coisa e significar outra) também é um modo de “falar” (em qualquer mídia) que permite que locutores dêem voz e ao mesmo tempo confrontem qualquer discurso oficial, isto é, atuem dentro de uma tradição dominante, mas também a desafiem, sem isso estar totalmente explícito.

Após essas reflexões sobre a cultura canadense e a ironia que a envolve, acredito que a ironia tem lugar marcante dentro da ideologia dominante da Cultura canadense, mas que se torna um tema bem mais interessante quando escritores a utilizam como parte de uma resistência como forma de redefinir essa ideologia.

Para a observação do que argumento nos parágrafos anteriores, procurei por críticos como Robert Kroetsch, Linda Hutcheon e Frank Davey, entre outros, cujas afirmações e demonstrações de ironia emergem de um particular interesse na redefinição da cultura canadense. Em seus trabalhos, tais críticos, implicitamente, promovem conceitos pós-modernos como ferramentas úteis para a compreensão da cultura canadense. Em busca dessa compreensão, segundo Jamie Dopp (1992, p.40) Davey, Hutcheon e Kroetsch usam e abusam da ideologia que eles próprios procuram redefinir.

Essa busca pela redefinição através da ideologia é um dos principais pontos de interesse na análise desses críticos à compreensão dos sentidos da ironia presentes na literatura canadense.

3 A CRÍTICA LITERÁRIA E A IDEOLOGIA DOMINANTE

A “ideologia dominante”, de acordo com Terry Eagleton (1976, p. 54), é um cenário relativamente coerente de discursos de valores, representações e crenças que “refletem as relações experimentais de subjetividades individuais às condições sociais. Funcionam como uma garantia de que percepções distorcidas da realidade contribuam para a reprodução das relações sociais dominantes”³ [Minha tradução].

²...the “Canadian” we speak as “a mixed language, by law ambiguous, and always offering possible escape routes...without ever leaving home. It is also, I think, “by law” or by preference, frequently ironic. Obsessed with articulating its identity, Canada’s voice a doubled one, that of the a doubled one, that of the forked tongue of irony.

³ “a relatively coherent set of ‘discourses’ of values, representations and beliefs which ... so reflect the experimental relations of individual subjects to their social conditions as to guarantee those misperceptions of the ‘real’ which contribute to the reproduction of the dominant social relations”.

De acordo com Jamie Dopp (1992, p. 41), no Canadá Inglês, a ideologia cultural dominante é compreendida como:

- 1) *status* como uma nação colônia, e
- 2) o fato de que o país desenvolveu-se sem uma guerra civil ou revolução.

O primeiro item envolve a relação do país com a Grã Bretanha; o segundo a relação com os Estados Unidos.⁴ [Minha Tradução]

Bons exemplos que dão sustento a essa compreensão de Dopp, pois demonstram os modos mais comuns de articulações dessas relações, podem ser encontrados nas escritas de Alfred Bailey e Northrop Frye.

Em “*Evidences of Culture Considered as Colonial*” de Bailey, o autor evidencia as características geralmente atribuídas a herança colonial canadense. O Canadá de fala inglesa, segundo Bailey (1972, p. 183) “tem sido objeto de medida de descontinuidade, dispersão e divisão”. Diferente dos canadenses franceses que tem estabelecido uma medida de “continuidade interna”, os canadenses ingleses têm mantido “uma atitude de dependência do país mãe”. Uma atitude que, segundo esse autor, tem afetado de diversas formas o próprio crescimento cultural.

Reforçando seus argumentos, Bailey (1972, p. 84) afirma:

Artistas canadenses ingleses têm imitado os Ingleses, mas não conseguiram atingir os mesmos graus. Sucessivos impulsos criativos têm impellido à evolução que geralmente acabam no *culs de sac*, cada um vivendo o seu espaço limitado, e falhando em seguir junto com outros na formação de um fluxo vital contínuo.⁵ [Minha tradução]

De acordo com Frye, o efeito da ausência de uma tradição revolucionária no Canadá tem perpetuado o complexo de inferioridade cultural descrito por Bailey. Segundo Frye (1982, p. 47), ao contrário dos Estados Unidos, que tem apreciado grandemente “um sentido de avanços progressivos e lineares”, o Canadá “nunca se definiu como uma sociedade unificada”. Não há “um modo de vida canadense”, nada “cem por cento canadenses”, resultando numa ausência de autoconfiança.⁶ [Minha tradução]

Essa ausência de autoconfiança na cultura canadense é ponto central para a famosa (já mencionada acima) formulação de Frye da “mentalidade de guarnição”⁷ como característica dominante da mentalidade canadense.

⁴ “In English Canada the dominant cultural ideology has tended to be concerned with: 1) our status as a colonial nation, and 2) the fact that our country has developed without revolution or civil war. The first of these involves our relationship with Britain; the second, our relationship with the United States.”

⁵ “English-Canadians artists have imitated the English but have failed to rise to the same heights. Successive creative impulses have prompted developments which have usually turned out to be *culs de sac*, each living out its limited span, and failing to flow together with others to form a vital continuous stream.”

⁶ “Unlike the United States, which has largely enjoyed “a sense of progressive and linear advance,” Canada is never “never defined itself as a unified society in this way”. There is no “Canadians way of life”, no “hundred per cent Canadian”; as a result Canadians lack a certain self-confidence.”

⁷ A formulação do Frye ‘mentalidade de guarnição’, aponta para a idéia que as pequenas e isoladas comunidades pioneiras formam uma barreira psicológica protetora às comunidades circundantes “enorme, irrefletida, ameaçadora e com um formidável cenário físico”; e que a mentalidade de guarnição penetrou

Com a revisão dos críticos acima mencionados e a retomada de Bailey e Frye, observo que existe uma relação forte entre a mentalidade colonial e histórica com a maioria das formas mais comuns de crítica literária no Canadá.

Entendo, portanto, que a crítica literária toma um papel importante na cultura canadense à medida que se importa com a tradição canadense emergente contra os grandes trabalhos do passado.

4 A IRONIA NA LITERATURA CANADENSE

Com as considerações acima, chego à conclusão de que, segundo a ideologia dominante, há pelo menos dois modos distintos de falar sobre a ironia na literatura canadense. O primeiro exibe o padrão histórico da “ironia” na cultura canadense e o segundo, a compreensão desse padrão em termos de confrontos a partir das definições culturais.

Elizabeth Waterston (1985, p. 57-62) fala da tradição de “realistas irônicos” presentes na literatura canadense em trabalhos de escritores como Leacock, Montgomery, e Munro. De acordo com Waterston, tais escritores enfatizam “a discrepância entre o ideal de civilidade e as realidades de uma desorganizada cidade pequena”.⁸ [Minha tradução]

Waterston argumenta ainda que cronistas que enfatizam a vida em pequenas cidades têm peculiaridade significativa para os canadenses.

A forma áspera de Galt pareceu ajustar-se facilmente as histórias da asperidade da terra... Em termos de condições sociais, a forma parece também apropriada para difundir a desarmonia de vida das comunidades canadenses das pequenas cidades.⁹[Minha tradução]

A segunda maneira de falar sobre a ironia na literatura canadense, segundo Jamie Dopp (1992, p. 43) é mais interessante. Dopp explica esse ponto de vista da seguinte maneira:

A literatura deve ser construída com um pensamento essencialmente irônico para penetrar no coração dos canadenses. Esta posição torna-se evidente se tomarmos como exemplo Margareth Atwood em *Survival*. De acordo com Atwood, a experiência do Canadá como colônia leva a literatura canadense a ser inevitavelmente pessimista ou “irônica”. Porque “O Canadá por inteiro é uma *vítima* ou uma *minoridade oprimida*, ou *explorada*”, a literária canadense intensifica “é mais intensa que a maioria e a morte e o fracasso estão fora do controle”. Heróis canadenses não estão preocupados em alcançar

na literatura canadense de ambas as maneiras: na intertextualidade e como uma reflexão de persistência desta mentalidade na esfera social (FRYE, 1971)

⁸ “Such writes emphasize the discrepancy between the ideal of civility and the actualities of a disorganized small town”.

⁹ “ That these chroniclers of small town life have a peculiarly Canadians significance. “ Galt’s rough form seemed to fit easily into stories of a rough land... In social terms, the form seemed also a appropriate for the disunified unharmonious small-town life of Canadian communities” .

glória maior, como suas contrapartes Americanas, mas preocupam-se simplesmente com a sobrevivência.¹⁰ [Minha tradução]

Como um símbolo do arquétipo do canadense original, Jamie Dopp afirma que *Survival* incorpora o que D.C. Muecke chamaria de “ironia geral”. Segundo Muecke (1982, p. 121), a Ironia Geral apóia-se naquelas contradições, aparentemente fundamentais e irremediáveis:

Contradições, aparentemente fundamentais e irremediáveis que confrontam os homens quando eles especulam sobre tópicos como a origem e o propósito do universo, o livre arbítrio e o determinismo, a razão e o instinto... A maioria desses tópicos é dita como redutível para uma grande incongruência, a aparente liberdade e auto-estima, mas a um ego temporalmente finito em um universo que parece ser totalmente estrangeiro, totalmente despropositado, completamente determinante e vastamente incompreensível.¹¹ [Minha tradução]

Sem dúvida, Atwood e Waterston trabalham com a ideologia dominante de inúmeras maneiras. Ambos vêm a ironia que eles descrevem como produtos das experiências culturais definidas por Bailey e Frye. A noção de “sobrevivência” de Atwood está diretamente ligada à noção da “mentalidade de guarnição” de Frye, no sentido de indefinição de uma posição canadense. Waterston vê a desunião das pequenas cidades canadenses refletida na ficção de Galt como um produto da “mentalidade pequena” dos cidadãos com uma “consciência colonial cujo verdadeiro centro de suas vidas está distante”. (WATERSON, 1985, p. 60)

As definições oficiais do Canadá, sejam elas feitas por Northrop Frye, Margaret Atwood ou por outros revisitados na elaboração deste estudo, sugerem, na verdade, uma perspectiva nacional e um tema cultural da ironia na literatura canadense. Esta retórica de reivindicações de identificação da cultura canadense como uma literatura de imigrantes, ou seja, como Atwood declara na introdução de seu trabalho (1977, p. xxxi): “um luto de casas abandonadas e coisas perdidas”.¹²[Minha tradução]

Há, no entanto, presente nas escritas de vários literatos canadenses, um outro tipo de ironia. Uma ironia reconhecida por leitores que conhecem a realidade do discurso oficial canadense. Discurso da heterogeneidade e do multiculturalismo que,

¹⁰ “It has to do with an essential irony thought to be at the heart of the Canadian. This position is most influentially taken up by Margaret Atwood in *Survival*”. According to Atwood, Canada’s experience as colony leads Canadian literature to be unusually pessimist or “ironic”. Because “Canada as whole is a victim, or an “oppressed minority”, or exploited”, “The Canadian literary gloom “is more unrelieved than most and death and failure toll out of proportion”. Canadians heroes are preoccupied not with achieving some greater glory, like their American counterparts, but with simply surviving.”

¹¹“ General irony lies in those contractions, apparently fundamental and irremediable, that confront men when they speculate upon such topics as the origin and purpose of the universe, free will and determinism, reason and instinct ... Most of these, it may be said, are reducible to one great incongruity, the appearance of free and self-valued but temporally finite egos in a universe that seems to be utterly alien, utterly purposeless, completely deterministic, and incomprehensibly vast.”

¹² “a mourning of homes left and things lost”

por ser um discurso elitizado, esquece as tensões e desafetos e vem carregado de preconceitos.

Tal ironia denota a dissonância, a discórdia, o desrespeito e as diferenças. Metáforas que sugerem uma luta contra as definições oficiais, descritas pela maioria elitizada canadense. Uma elite branca, não homossexual, não feminista etc.

Ademais, o discurso irônico que sugere resistência toma como base as próprias experiências de vida desses escritores como membros de uma sociedade que utiliza como apelação máxima as “minorias visíveis”. Desse modo, essa ironia contrapõe-se a esse discurso oficial. Enquanto discursos culturais e políticos clamam a harmonia dessa maioria, a fala irônica criada pela minoria não branca, homossexual e feminista desmente isso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com muito a pesquisar e exemplos a analisar, após este estudo, vejo a ironia na literatura canadense como uma estratégia retórica e estrutural que exhibe dissonâncias e diferenças com dois sentidos bem marcantes. Um sentido de desconstrução e outro de construção.

O autor canadense, aqui compreendido, utiliza a ironia em relação a uma série de definições e posições próprias. Afirmções e posições que ele utiliza em resposta à sua colonização, ao seu passado político e ao seu próprio presente.

Com a utilização dessa estratégia com sentido de desconstrução, o autor toma posições contra o seu passado político francês e inglês e contra o seu presente que parece moldar-se aos padrões norte-americanos, numa tentativa de desconstrução do próprio colonialismo.

Na utilização da ironia com sentido de construção, autores tomam posições regionais contra as posições centrais, aproveitam as experiências pessoais para ironizar o pensamento da ideologia dominante, ou o discurso da elite. Numa tentativa de conduzir o leitor a construção de uma nova sociedade canadense que repense o Canadá e refaça a sua história.

Ademais, concluo que autores canadenses empregam a ironia, tanto no sentido de desconstrução, como no de construção, utilizando-a de acordo com a definição dessa estratégia: como um instrumento que consiste em dizer o contrário daquilo que se pensa, deixando entender uma distância intencional entre aquilo que dizemos e aquilo que realmente pensamos.

A partir da utilização desse instrumento, esses escritores obtêm exatamente o que esperam obter: a reação do seu leitor / interlocutor – um olhar mais atento sobre as “minorias não visíveis” - sobre o “discurso colonizador” e todas as mazelas sociais *varridas para baixo do tapete* pela ideologia dominante. Esses autores fazem, portanto, a utilização adequada dessa estratégia retórica e estrutural. Contradizem o discurso político e expõem ao mundo o que aquele discurso teima em encobrir: as dissonâncias e diferenças reinantes na cultura canadense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATWOOD**, Margaret. Canadian monsters: some aspects of the supernatural in canadian fiction. *The Canadian imagination*. Cambridge: Harvard UP, 1977, p.91-109.
- BAILEY**, Alfred G. Evidences of culture considered colonial. *Culture and nationality: Essay*. Toronto: McClelland, 1972, p. 178-199.
- DOPP**, Jamie. *Who says that Canadian culture is ironic?* In: **HUTCHEON**, Linda. Double Taking. *Essays on verbal and visual ironies in Canadian contemporary art and literature*. Toronto: ECW, 1992, p. 39-53.
- EAGLETON**, Terry. *Criticism and ideology: a study in marxist literary theory*. London: New Left Books, 1976.
- FRYE**, Northrop. Conclusion to a literary History of Canada. *The bush garden: essays on the Canadian imagination*. Toronto: Anansi, 1971. p. 213- 251.
- FRYE**, Northrop. *Division on a ground: essays on Canadian culture*. Toronto: Anansi, 1982.
- FRYE**, Northrop. *The bush garden: essays on the Canadian imagination*. Toronto: Anansi, 1971.
- HUTCHEON**, Linda. Double Taking. Essays on verbal and visual ironies. *Canadian contemporary art and literature*. Toronto: ECW, 1992.
- MUECKE**, D.C. *Irony and the ironic*. London: Methuen, 1982.
- WATERSTON**, Elizabeth. Bogle Corbet and the annals of new world parishes. *John Galt: Reappraisals*. (57-62). Guelph: University of Guelph, 1985.